

CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMUNIDADE SURDA¹⁷¹

Priscila Figueiredo da Mata Medeiros (UEMS)

priscilafdmata@hotmail.com

RESUMO

O objetivo geral desse trabalho é delinear um panorama sobre a comunidade surda. Para tanto, serão apresentadas inicialmente, breves noções sobre a surdez, onde será demonstrada a diferença entre o surdo e o deficiente auditivo; a não adequação do termo surdo-mudo e, as causas da surdez. Igualmente serão apresentadas notas sobre a identidade surda, momento em que será explanado acerca do uso da língua brasileira de sinais como marca identitária. Acredita-se pertinente a presente abordagem, uma vez que o público-alvo é formado por acadêmicos e estudiosos de letras que, visam o objetivo de atender às propostas de inclusão. Com relação à metodologia adotada, esta será a revisão bibliográfica. Espera-se com essa pesquisa, aumentar as discussões sobre a comunidade surda e alcançar pessoas para o trabalho de inclusão, tanto professores de sala de aula regular, como intérpretes de libras.

Palavras-chave: Surdez. Identidade. Comunidade. Libras.

1. Breves noções sobre a surdez

Ao manusearmos materiais que dispõem acerca da inclusão, mais especificamente dos surdos, pode surgir uma dúvida com relação às terminologias: *surdo* e *deficiente auditivo*. Ainda que ambos os termos se refiram à perda (maior ou menor) da percepção dos sons, conforme Bisol e Valentini (2011), a noção de surdo é muito mais voltada à questão da identidade. O surdo é aquele que não se considera como deficiente, vive em uma comunidade surda e se vale da língua de sinais para se comunicar, ao passo que o deficiente auditivo não se identifica com referida cultura e língua.

Não se trata, portanto, de uma simples nomenclatura. Esta diferenciação permite compreender, por exemplo, que um surdo não passa despercebido em uma sala de aula ou em um local de trabalho, pois utiliza as mãos para se expressar em uma língua gestual-visual e poderá se utilizar da mediação de um intérprete de língua de sinais. A situação do deficiente auditivo é outra: ele será percebido pelos demais quando se nota a presença de uma prótese auditiva ou se percebe alguma dificuldade (geralmente pequena) de fala. É comum que o deficiente auditivo se esforce muito para que sua dificuldade não seja percebida (BISOL & VALENTINI, 2011).

¹⁷¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no XVIII CNLF, em 2014.

O excerto acima demonstra que enquanto o surdo se expressa com uma língua própria, podendo ter a seu lado um intérprete de libras no ambiente escolar, o deficiente auditivo se esforça para que sua dificuldade não seja explicitada. Conforme as autoras acima, para o deficiente auditivo, a não audição ou a dificuldade na mesma é causa de desconforto e, muitas vezes, faz-se o uso da prótese auditiva como forma de minorar esse embaraço.

Tendo sido apresentada essa diferenciação entre os conceitos acima mencionados, vale salientar que o presente trabalho tem por objetivo fazer exposições sobre os surdos. Assim, será considerada, para fins de análise, a pessoa que se identifica na comunidade surda e tem por língua materna a língua brasileira de sinais (libras).

O conceito de surdo, conforme o material de Cormedi (acesso em 2015), denominado *Estudos Sobre a Deficiência Auditiva e Surdez*, é o seguinte:

[...] aquela pessoa diferente na forma de receber os estímulos do ambiente, pois a predominância é visual e, portanto, a forma linguística de comunicação privilegia a modalidade visual e não auditiva. Então, o contexto cultural do surdo é diferente do contexto cultural do ouvinte, nem melhor, nem pior, apenas diferente.

O surdo não é melhor nem pior que o ouvinte, apenas diferente no sentido de se comunicar e perceber os estímulos a sua volta. Enquanto o ouvinte utiliza com maior predominância a audição, a pessoa com surdez se comunica com eficácia através a expressão visual-espacial, na qual seus olhos captam a mensagem que lhe é conferida e suas mãos respondem seu interlocutor.

Após compreender a diferença entre o surdo e o deficiente auditivo e, conhecendo o conceito de pessoa surda através do estudo acima citado, é necessário desmistificar o termo *surdo-mudo*, que era vastamente utilizado antigamente, mas, ainda hoje pode ser ouvido em determinados lugares.

O sistema auditivo se divide em periférico, vias auditivas e estrutura cortical. O primeiro subdivide-se em orelha externa, orelha média e orelha interna. O surdo é o indivíduo que possui perda auditiva, tendo, portanto, algum problema no sistema auditivo acima apresentado e não no aparelho fonador. Dessa forma, não cabe a utilização do termo *surdo-mudo*, já que a causa da não aquisição da linguagem oral é a não percepção dos sons.

Além disso, o surdo pode aprender a falar através de técnicas como a percepção visual dos lábios e pela vibração das cordas vocais do outro-ouvinte. Essas técnicas são usadas pelos defensores do oralismo, e reforçam a tese da não aplicabilidade do termo *surdo-mudo*, ante a possibilidade de fala dos surdos. Contudo, o oralismo não será considerado para fins desse trabalho, já que a perspectiva aqui adotada é do uso da libras como agente que vai firmar a identidade surda.

Ainda abordando a questão da limitação oral em decorrência da não audição, vale trazer o extrato abaixo, também constante na obra Cormedi (acesso em 2015):

A limitação ou ausência de percepção sensorial dos estímulos sonoros acarreta imensa dificuldade na compreensão e na expressão da língua oral. [...]. A audição é o sentido que possibilita a aquisição da língua oral. É o sentido que estrutura a noção de tempo, e a língua oral é por consequência, uma sequência de sons organizados no tempo. Os sons se acabam no tempo, só podendo ser repetidos ou reproduzidos por gravação. A audição é o sentido de alerta para o ouvinte, a mínima movimentação será o alerta para o surdo. O mundo para a pessoa surda é espacial. A mínima movimentação dos objetos e pessoas tem para o surdo, fundamental importância. A audição é o sentido responsável pela recepção dos sons.

Observa-se que a língua oral é fruto, em grande medida, da audição. Dessa forma, é possível perceber que a criança não tem audição tanto pela sua não reação a estímulos sonoros, quanto pela sua não interação oral. Dentre as situações que ajudam a constatar a surdez estão: a não procura com o olhar de onde vem determinado ruído, o não apontar de objetos familiares, a não compreensão de palavras simples, a não imitação de sons e, a utilização de gestos ao invés da fala. (LIMA, 2006)

Com relação às causas da surdez, elas podem ser: pré-natais, perinatais e pós-natais. As pré-natais podem ser: desordens genéticas ou hereditárias, causas relativas ao fator Rh ou causas relativas a doenças infectocontagiosas. As perinatais: a prematuridade, a falta de oxigênio ou a insuficiência de oxigênio. As pós-natais: a meningite, o sarampo, a caixumba ou o uso de remédios em excesso. Tais informações foram extraídas de Cormedi (acesso em 2015).

Feitas essas breves considerações acerca da surdez, passa-se a expor acerca da identidade surda.

2. Notas sobre a identidade surda

Como explanado anteriormente, o ser surdo se firma através da sua identificação com uma comunidade também surda, na qual a língua materna é a libras e, a língua portuguesa na modalidade escrita é usada como segunda língua. Estar no convívio dessa comunidade é um fator de grande importância para a pessoa com surdez, pois é através da troca de experiências, da amizade e do uso da língua materna que, o indivíduo terá maior confiança de se estabelecer em uma sociedade que ainda trata a diferença com preconceito e pesar.

Conforme Góes (2011), um erro comum é acreditar que inserir a criança na comunidade surda é sinônimo de isolá-la do mundo. Se para a criança ouvinte os espaços de desenvolvimento da língua são importantes, para a criança surda isso não é diferente. Assim, estar em um ambiente de estímulo da libras, onde esta é tratada como uma língua viva, com seu uso natural, através por exemplo, de gírias, é de suma relevância para o amadurecimento dessa criança.

Sobre o espaço linguístico como afirmação da identidade, vale trazer a lição de Silva (2010):

O termo “cultura” possui significados variados dentro de seu conceito geral, entretanto na área da surdez, a palavra cultura representa para os sujeitos surdos como uma afirmação de sua identidade de forma peculiar e específica, onde se centraliza o seu espaço linguístico. Esse espaço linguístico definido pela sua língua de sinais marca subjetiva que oferece sentido.

O trecho acima mostra que o conceito de cultura pode ser múltiplo, tendo vários significados, mas isso não acontece quando se está falando de surdez, pois nesse caso a cultura estará vinculada, necessariamente, ao espaço linguístico.

Demonstra a importância da língua brasileira de sinais como marca identitária da comunidade surda, passa-se a abordar sobre a importância dessa língua para o desenvolvimento da pessoa com surdez.

Em tempos passados predominava o oralismo, em que a proposta era fazer o surdo falar a todo custo. Dessa forma, as crianças eram expostas a baterias de atividades que tinham por objetivo sua oralização.

Assim, a criança desde cedo, passa a ter muitos compromissos diários com especialistas buscando corrigir o seu “problema”. As visitas aos fonoaudiólogos tornam-se constantes e casantivas, tomando a maior parte do seu tempo disponível, passando assim, a não ter tempo para se dedicar à escola e mesmo de ser criança (SILVA & OLIVEIRA).

Acontece que essa situação além de desgastante – pelo fato de ser repetitiva e com pouco sucesso efetivo –, deixava o surdo em uma situação fragmentada, onde ele nem se sentia pertencente à comunidade ouvinte nem à surda.

Com a implementação da libras como língua materna da comunidade surda, percebe-se um desenvolvimento integral da pessoa com surdez, já que essa língua é, conforme Góes (2011), “[...] a forma por excelência pela qual a criança surda pode adquirir linguagem de forma natural”.

Além do mais, ainda referenciando Góes (2011), a libras é considerada verdadeira língua, tanto do ponto de vista linguístico, quanto do social e neurológico, uma vez que é organizada linguisticamente, é usada por uma comunidade que segue as regras de conversação e é processada no cérebro pelas áreas responsáveis pelas línguas orais.

Outro fator que revela a importância da libras é que, através de seu uso como primeira língua, o surdo terá a base necessária para aprender a língua portuguesa escrita (GÓES, 2011).

Diante dos pontos apresentados, verifica-se o quanto a língua brasileira de sinais é relevante para a pessoa com surdez, pois além de lhe tirar de um estado fragmentário, onde pairava o meio-termo, nem ouvinte nem surdo, essa língua é o trampolim para que seja aprendida a língua portuguesa na modalidade escrita.

3. Consideração finais

Ante as exposições constantes nesse trabalho é possível concluir que a surdez baseia-se muito mais em uma questão de identidade do que de condição física, pois o surdo é aquele que tendo dificuldade ou impossibilidade de ouvir, está vinculado a uma comunidade surda e se vale da libras como língua materna. Já o deficiente auditivo não se identifica com referida comunidade, não fazendo, portanto, o uso da libras e, em alguns casos, utiliza aparelho auditivo.

Conclui-se ainda que o surdo tem algum problema no sistema auditivo e não no aparelho fonador, motivo pelo qual não é adequado o uso da expressão *surdo-mudo* para se referir a esse indivíduo.

Outro ponto que é possível concluir é que a identidade surda se forma através da inserção desse sujeito na comunidade surda, já que esse

será seu espaço de troca de experiência e aquisição efetiva da libras, sua língua materna.

Como apresentado no trabalho, o ser surdo se forma e se firma, ao fazer parte de uma comunidade que se comunica com a língua brasileira de sinais e valoriza sua cultura e identidade através do convívio com pessoas que usam a mesma língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, Cláudia; VALENTINI, Carla. *Surdez e deficiência auditiva – qual a diferença?* Objeto de aprendizagem incluir. Caxias do Sul: UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em:

<http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf>. Acesso em: 02-05-2015.

CORMEDI, Maria Aparecida. *Estudos sobre a deficiência auditiva e surdez*. Disponível em:

<http://lms.ead1.com.br/webfolio/Mod6625/estudos_sobre_a_deficiencia_auditiva_e_surdez_v2.pdf>. Acesso em: 02-05-2015.

GÓES, Alexandre Morand. *Língua brasileira de sinais: uma introdução*, 2011. Disponível em:

<<https://www.passeidireto.com/arquivo/2065658/surdez-e-linguagem/2>>. Acesso em: 02-05-2015.

LIMA, Daisy Maria Collet de Araujo. *Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização – surdez*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdez.pdf>>. Acesso em: 02-05-2015.

SILVA, Lázara Cristina; OLIVEIRA, Paulo Sérgio de Jesus. *As concepções sobre a surdez: construindo sentidos rumo a uma nova prática educacional*. Disponível em:

<<http://www.tonao.com.br/escola/CURSO%20AEE/unidade%203.pdf>>. Acesso em: 02-05-2015.

SILVA, Márcia do Socorro. Um olhar sobre a comunidade surda. *Fórum Nacional de Crítica Cultural* 2, 2010. Disponível em:

<<http://www.poscritica.uneb.br/anais-eletronicos/arquivos/32%20-%20UM%20OLHAR%20SOBRE%20A%20IDENTIDADE%20SURDA.pdf>>. Acesso em: 02-05-2015.